

## Nossa Senhora do Rosário e a Correlação com a Batalha Naval de Lepanto!

**Abílio Lousada**

Pequeno e curioso apontamento sobre esta ligação religiosa e militar.

Outubro é o mês do Santo Rosário, oração divulgada por São Domingos de Gusmão a pedido da Virgem Santa Maria. Quanto à festa, celebrada a 7 desse mês, surge associada à batalha naval de Lepanto, travada entre a Liga Santa e Império Turco.

Rosário ou «Coroa de Rosas», a *Aleteia*, através do site *ACI Digital*, conta-nos que na Antiguidade Clássica era comum a coração de imagens dos deuses com rosas, «como símbolo da oferta dos seus corações». Também nos diz que as cristãs sujeitas ao martírio no coliseu romano adotaram tal uso, «como símbolo da alegria e da entrega dos seus corações para ir ao encontro de Deus». Quanto à origem do Rosário em si, remontará aos antigos anacoretas orientais, eremitas cristãos que viviam em retiro e oração durante os primórdios do Cristianismo, usando pedrinhas para contar suas orações, traduzidas na recitação dos 150 Salmos de David. Posteriormente, o venerável Beda, que viveu nos séculos VII-VIII, sugeriu aos irmãos leigos, pouco familiarizados com o Saltério latino, que os substituíssem pela recitação dos Pai-Nosso e Aves-Marias utilizando grãos enfiados num barbante para o efeito.

Então, em 1328, a Virgem apareceu a Domingos de Gusmão (1170-1221), fundador da Ordem Dominicana, numa capela do Sul de França. Segurando nas mãos o Rosário, ensinou ao futuro santo o modo de o rezar, exortando-o à sua divulgação para conversão dos pecadores e salvação da humanidade: «Se queres ganhar para Deus esses corações endurecidos, reza o meu saltério». Por essa via, os frades da Ordem Religiosa Dominicana tornaram-se nos principais divulgadores da devoção do Rosário.

Relativamente à origem da Festa de Nossa Senhora do Rosário radica na batalha que opôs a esquadra multinacional da Liga Santa (Espanha, Veneza, Estados Pontifícios e Cavaleiros de Malta) à do Império Turco, ferida a 7 de outubro de 1571 no golfo de Lepanto, na Grécia. O catalisador para o confronto ocorreu um ano antes, quando os turcos invadiram e ocuparam a ilha de Chipre, então domínio da República de Veneza, aumentando a influência muçulmana no Mediterrâneo e pressionando a fronteira sul da Europa. A preocupação na cristandade foi evidente, motivando o Papa Pio V a pregar uma espécie de cruzada para estancar o perigo. A batalha, que colocou frente a frente 208 galés e 6 galeças (enormes navios a remos com quarenta e quatro canhões) cristãs e 230 galés muçulmanas, durou apenas três horas e no final a vitória sorriu, de forma retumbante, à esquadra comandada pelo

hispânico João da Áustria: a quase totalidade da tonelagem turca foi ao fundo e Ali Paxá, o almirante, foi morto por uma bala de arcabuz; do lado da Santa Liga as perdas foram cerca de uma dúzia de embarcações. Foi uma batalha decisiva e sangrenta, que significou o fim da supremacia turca no mar Mediterrâneo e da pressão continuada aos territórios da Europa do Sul.

A feliz vitória foi atribuída a Nossa Senhora, por se ter realizado naquele dia uma procissão do Rosário na praça de São Pedro, motivada pelos dominicanos, os guardiões do Santo Rosário, e os fiéis ali concentrados terem invocado o auxílio da Santa Mãe de Deus para o bom sucesso da missão militar e religiosa em curso. Em agradecimento, o Papa Pio V instituiu no ano seguinte a «Festa de Nossa Senhora da Vitória», cuja designação foi alterada no seguinte, pelo Papa Gregório XIII, para «Festa do Santo Rosário» e inserida no Calendário Romano Geral. A data de 7 de outubro fixada em 1913. A atual designação de «Festa de Nossa Senhora do Rosário» foi instituída durante o Concílio Vaticano II (1961-1965), por São Paulo VI.

Como curiosidade, o escritor Miguel de Cervantes esteve presente na batalha e foi ferido numa mão, ficando conhecido como «O maneta de Lepanto», referindo-se ao confronto de galés como «A mais elevada ocasião que os séculos assistiram». Curiosa sobretudo é esta ligação entre uma festa religiosa e um acontecimento militar. Ou não tanto, afinal na cristandade os militares eram, por missão e devoção, os seus fiéis baluartes.